

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANAMNESE DE GAGUEIRA

*Ana Lúcia da Silveira
Divanir Marquezi
Ignês da Silva Maia
Martha Maluff
Paola Tatini*

FONOAUDIÓLOGAS CLÍNICAS

Silvia Friedman

FONOAUDIÓLOGA CLÍNICA

PROFESSORA NO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA DA PUC-SP

Resumo

Este artigo é uma proposta alternativa de anamnese de gagueira, na qual buscamos compreender não só a manifestação articulatória do gago, mas também a relação desta com o movimento da sua consciência, através da análise do conteúdo do seu discurso sobre sua fala.

Abstract

This article an alternative proposal for stuttering anamnesis, where we look not only for the comprehension of the stutterer's articulatory behaviour but also for its relation with the movement of his conscience, through the analysis of the contents of his discourse about his speech.

Olhando a gagueira como uma série de comportamentos que se manifesta externamente em alguns indivíduos, temos justificativas para aplicar, em nosso primeiro contato com o paciente, a anamnese tradicional, com questões voltadas ao levantamento da produção articulatória e do nível lingüístico em que o sujeito se encontra. Nesse tipo de abordagem, o objetivo é saber a quantidade de bloqueios, hesitações, prolongamentos que vem alterar o ritmo da fala, em que situações isso ocorre e com que frequência e a detecção de tensões corporais associadas.

Temos visto porém, ao longo do tempo, que, abordando o paciente desta forma clássica, não conseguimos compreender satisfatoriamente a gagueira. Ou seja, não conseguimos esgotar outros elementos que se interpunham e pareciam estar relacionados com ela como, por exemplo, por que poder e não poder articular palavras conforme o momento, ou ter e não ter gagueira conforme a situação.

Partindo dos achados da pesquisa de mestrado sobre a gênese da gagueira, publicada sob o título *Gagueira, Origem e Tratamento*, temos que a questão central que permite a compreensão da manifestação motora de gaguejar não está no aspecto articulatório e sim na identidade do indivíduo. A pesquisa revela que, em função de uma ideologia do bem falar, desenvolve-se no indivíduo, através das suas relações de comunicação, uma imagem de malfalante, envolvendo o desejo de falar bem. Esta imagem se incorpora à sua identidade, determinando uma postura tensa para falar, de onde emerge toda sorte de truques para consegui-lo.

Por desconhecimento das contingências próprias ao desenvolvimento da linguagem, os adultos responsáveis pelo desenvolvimento da criança passam a fazer exigências abstratas sobre o seu modo de falar, como por exemplo: 'fale direito', 'calma, fale devagar', 'respire fundo e comece de novo' etc. Estas metacomunicações sobre o ato de fala denotam uma não-aceitação da fala da criança. A criança não tem condições de responder adequadamente a estas situações: falta-lhe conhecimento sobre o ato motor da fala, para modificar a forma de fazê-lo. Cria-se um círculo vicioso entre o adulto, a criança e sua fala, onde a criança passa a se ver como alguém que fala mal. Esta situação é conhecida como paradoxal: se define como aquela em que nem uma resposta adequada pode ser dada, nem a situação pode ser abandonada, gerando emoções negativas sobre o ato de fala. Na tentativa de corresponder à expectativa do adulto, a criança abandona sua fala espontânea, fazendo esforço para 'falar bem'.

As manifestações emocionais são, fisiologicamente, alterações do tônus que comprometem o ritmo respiratório, promovem espasmos no aparelho digestivo e perturbações motoras, tais como tremores, falta de medida e precisão nos gestos, contrações musculares etc. Como podemos supor, a partir da situação descrita, que a criança possa efetivamente falar da forma esperada pelos adultos?

A gagueira é uma manifestação do indivíduo que ocorre nas relações interpessoais, em função de uma auto-imagem negativa de sua fala, produzida pelos valores gerados, e por ele assumidos, nos tipos de relações de comunicação vividas.

O que propomos, então, no presente artigo, é um caminho possível para avaliar a gagueira, permitindo ver não só o nível manifesto, mas também as suas determinantes históricas

(relações de comunicação). Buscamos compreender a manifestação em relação aos conteúdos da consciência que o indivíduo tem de si, ou seja, a sua identidade de falante.

A avaliação deve-se constituir numa situação de comunicação entre o terapeuta e o paciente (ou entre terapeuta e os familiares do paciente), onde o primeiro estabelece um diálogo e estimula o segundo na reconstrução não só de suas sensações, impressões e opiniões presentes sobre sua fala, mas também de suas lembranças a respeito. Sem estar preso a nenhum roteiro prévio, o terapeuta busca informações presentes e passadas da imagem que o indivíduo tem de si e da sua atividade de fala.

Para ilustrar a situação e o que dela emerge, apresentamos a seguir o relato espontâneo de um menino de 10 anos, em atendimento fonoaudiológico, num momento de interação com sua terapeuta:

Porque eu falo rápido, aí a voz prende e não sai, aí eu começo a repetir a mesma palavra. Eu acho, também, que sou gago. Minha mãe que começou com isso, falando que eu era gago, que tinha que falar devagar. Na escola que eu estudava, a professora vivia falando à minha mãe a me levar em um lugar de fonologia. Na hora de falar palavras difíceis, eu arranjo um papel e ia jogar no lixo para passar a minha vez. Minha mãe me levou no INPS, só fui um dia e não fui mais. Aí, depois, vem a minha tia com a mesma idéia. Isso dói. Às vezes, na hora da leitura, eu leio bem, na hora de escrever textos e fazer ditados, eu erro muito. Vou falar com meus colegas, a voz não sai, fica presa. Incomoda muito, mas tenho muito medo de falar. Na rua vivem me debochando, na escola ninguém liga.

Por esse relato, podemos ver como as relações paradoxais, da primeira infância, ligadas à ideologia do 'bem falar', despertam emoções negativas relacionadas com a fala. A gagueira é vista como um processo dinâmico entre o desenvolvimento da *identidade*, das *emoções*, do *nível motor* e das *relações sociais*.

"...minha mãe que começou com isso, falando que eu era gago e que tinha que falar devagar." A não aceitação pelos outros significativos (minha mãe que começou/ a professora vivia falando/ depois vem a minha tia...) da forma de fala da criança (tinha que falar devagar), por desconhecimento do processo de aquisição da linguagem e pela preocupação de que corresponda aos padrões determinados socialmente – fala sem hesitação –, coloca-a numa situação paradoxal: não posso deixar de falar e não sei falar de outra forma.

Esse paradoxo gera emoções negativas relacionadas à fala (sou nervoso/isso dói/incomoda muito/ mas tenho muito medo de falar), faz com que o indivíduo comece a fazer força para falar bem, alterando ainda mais o desempenho motor (af a voz prende e não sai, af eu começo a repetir a mesma palavra/ a voz fica presa), reforçando sua imagem de malfalante (eu também acho que sou gago).

Ao analisarmos profundamente o discurso do nosso paciente, conseguimos resgatar o indivíduo e sua consciência, observando as manifestações prosódicas e lingüísticas, explicadas em função dos valores constituintes da auto-imagem. Fica claro o passo a ser dado na sessão seguinte. Não é com a gagueira que temos que trabalhar, mas sim com a descompressão da situação social do indivíduo, levando-o a compreender que a manutenção de sua gagueira está fundamentada numa ideologia repleta de lacunas e falsas premissas.

Referências bibliográficas

FRIEDMAN, Silvia. *Gagueira: origem e tratamento*. São Paulo, Summus, 1986.

MARTINET, M. *Teoria das emoções. Introdução à obra de Henri Wallon*. Lisboa, Moraes, 1981.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D.O. *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1981.